

GUIA DIDÁTICO

rezado Cursista,

Neste capítulo, convidamos você a refletir um pouco sobre o significado de algumas palavras muito comuns na atividade da tutoria. Mais do que simplesmente palavras, as relações interpessoais representadas por elas merecem nossa atenção. Portanto, em síntese, o convite que lhe fazemos neste capítulo pode ser resumido em três perguntas: “Quem sou eu?”; “Quem é o outro?”; “Como me relaciono com ele?”.

GUIA DIDÁTICO

Anderson Luiz da Silva*

“Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende.”
Guimarães Rosa

“Pai, me ajuda a olhar!”
Eduardo Galeano

Quando iniciamos a leitura de um texto, formulamos algumas expectativas sobre seu conteúdo antes mesmo de começar a ler; isso ocorre, em geral, a partir do título. No caso deste capítulo, certamente você deve ter construído algumas expectativas em relação às palavras “guia” e “didático”, que compõem o título. É possível, também, que o sentido desses termos conduza suas hipóteses de leitura para o campo da técnica, pois em muitos casos tais termos aparecem em textos que possuem um caráter de orientação do leitor sobre “como fazer” algo. Um guia, em geral, nos “ensina” como fazer algo; um procedimento “didático”, geralmente, sugere como fazer este algo de modo que as outras pessoas entendam com mais clareza.

Entretanto, essas expectativas em relação ao título não serão confirmadas ao longo deste capítulo, pois você não encontrará, aqui, nem um roteiro pronto nem uma “receita” para desempenhar a função de tutor. Se bastasse uma receita, uma programação sobre como agir passo a passo, não haveria necessidade de pessoas que atuassem como tutores; os computadores fariam isso facilmente.

Portanto, o que proporemos a você, nas próximas páginas, é uma reflexão sobre a relevância do seu papel em situações que vão muito além da simples relação tutor/aluno no âmbito da aprendizagem. Nosso desafio é refletir sobre nós mesmos, sobre o outro e, principalmente, sobre a complexidade da nossa relação com o outro, da relação interpessoal. Para essa reflexão, nossos objetivos básicos são os seguintes:

- **Refletir sobre as peculiaridades do significado da tutoria num curso a distância.**
- **Sugerir estratégias para a atuação do tutor como um guia mediador no processo de aprendizagem dos alunos.**

* Doutor em Letras pela PUC/RJ. Professor (bolsista do Programa de Fixação de Recém Doutores da CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFJF.

QUEM SOMOS NÓS

Podemos começar nossa conversa refletindo sobre o significado da palavra “tutoria”. Se consultarmos os dicionários, veremos que o sentido do termo “tutor” remete àquela pessoa que exerce a “tutela”, ou seja, aquela que tem o objetivo de “tomar conta” de outra, de cuidar de alguém – o tutelado – que precisa de amparo, de proteção.

Por que é importante refletir sobre isso?

Porque, como podemos notar pelo significado da palavra, a atividade de tutor é algo que nos coloca em um contexto de relação direta com outra pessoa, no nosso caso com o aluno. Nesse caso, é preciso lembrar que, em todo contexto de relação interpessoal, cada um dos sujeitos participantes desempenha um papel. Portanto, você concorda que, nessa situação, a relação que vamos estabelecer com esse outro depende diretamente da noção que temos sobre o significado do nosso papel, da nossa atividade?

Vamos examinar uma situação concreta para nossa reflexão inicial. Um contexto em que a palavra “tutela” é freqüentemente empregada em nosso país é o texto jurídico; está presente naquelas leis que tratam dos direitos dos indivíduos considerados incapazes – e que, portanto, precisam ser tutelados.

A rigor, a pessoa que está sob a tutela de outra aparentemente está sendo protegida por essa outra, o que poderia ser uma situação confortável para quem é amparado. Porém, se examinarmos com mais cuidado a situação, podemos constatar que, em muitos casos, por trás dessa aparente proteção está escondida uma atitude de opressão. Logicamente, a tutela estaria sendo exercida de uma forma atípica.

Direciono minhas palavras nesse sentido com o objetivo de refletirmos com mais precisão sobre o conceito de “tutor” na modalidade de ensino a distância. Se pensarmos que nosso aluno será – no sentido literal do termo – tutelado por nós, devemos nos questionar sobre o risco de que nossa atuação oprima esse aluno, ao invés de ampará-lo. Por isso é fundamental termos absoluta clareza sobre nossas funções, sobre nossos objetivos nessas funções. E, principalmente, sobre o fato de que essas funções envolvem algo extremamente mais complexo do que qualquer conteúdo acadêmico: a relação interpessoal.

Vamos examinar alguns aspectos do cenário em que acontecem as relações interpessoais que envolvem a atuação do tutor.

Como temos o aluno de um lado e o universo acadêmico – material de estudo, livros, computadores, apostilas etc – de outro, o tutor ocupa uma posição que está “entre” esses dois elementos. O que caberia ao tutor, então, nessa posição intermediária?

Se adotarmos uma posição opressora de tutela, tenderemos a acreditar que o aluno não tem autonomia diante desse universo acadêmico e que, por isso, nosso papel de tutor seria levar até ele a informação, “pegar na mão” do aluno para que ele consiga fazer o que não tem capacidade de realizar sozinho. Repare que, nesse caso, estamos prejudgando nosso aluno como incapaz.

Por outro lado, temos a alternativa de adotar uma posição diferente, a de acreditar que nosso aluno tem potencial, sim, para tomar decisões diante do material de estudo; nesse caso, nossa posição será muito mais de parceria, companheirismo, incentivo, e

nosso julgamento sobre o aluno não será preconceituoso, pois admitimos que vamos caminhar com ele, ao lado dele, e não fazer as coisas por ele, ou vigiá-lo simplesmente.

Observe que, com base nessas duas possibilidades, confirma-se a importância do que dissemos no início deste capítulo, ou seja, o fato de que, ao refletirmos sobre o significado da palavra tutoria estamos refletindo, na verdade, sobre algo muito mais amplo e complexo: a nossa relação com os outros indivíduos. E, mais do que isso, sobre a forma como vemos esses outros que estão em relação conosco.

Vamos continuar nossa conversa refletindo sobre algumas particularidades de nossa posição na relação com o outro na atividade de tutoria.

QUAL É O NOSSO LUGAR

Nesse ponto, vamos dar mais um passo no que se refere ao sentido da tutoria, agora enfatizando algumas palavras e expressões que já empregamos até este momento no texto: o tutor está “entre” o aluno e o material acadêmico; a atividade do tutor é exercida “em relação a” alguém. Repare como esses termos enfatizam um dado importante sobre o lugar que o tutor ocupa no processo de ensino e aprendizagem em cursos a distância. Trata-se de um papel cuja finalidade básica é estabelecer relações, propor conexões, atuar como intermediário entre outros elementos – o aluno, o material didático, o professor.

Atualmente, existe um termo muito utilizado em diversas áreas do saber para definir este tipo de papel: “mediador”. No caso específico do contexto educacional, este termo procura designar o oposto daquela atitude de tutela opressiva, ou seja, o papel do mediador não é o de “pegar na mão” do aluno para “ajudá-lo” como se ele fosse incapaz de fazer sozinho. Ao contrário, o mediador atua como um guia, como alguém que orienta, que se coloca ao lado do aluno para colaborar com ele no processo de organização de sua aprendizagem.

Nesse sentido, algumas perguntas podem surgir: então, se vou atuar como tutor/mediador, significa que posso deixar o aluno fazer tudo sozinho? Não preciso interferir em momento algum, para não parecer que estou oprimindo? A função do tutor seria apenas “olhar tudo de longe” e deixar o aluno seguir seu caminho? Responder a essas perguntas é importante para evitarmos um equívoco que, infelizmente, ainda ocorre em muitas situações de ensino e aprendizagem. Trata-se do entendimento incorreto do sentido de mediação, que às vezes é confundido com omissão. Portanto, ser mediador não significa deixar o outro “se virar” sozinho, sem interferir nunca; não significa abandonar o aprendiz à sua própria sorte, com a desculpa de que “não quero interferir para não parecer que sou conservador ou que estou tirando a liberdade do aluno”. Repare como essa postura seria tão prejudicial quanto a opressão, pois reflete um abandono em relação ao outro.

Essa constatação, mais uma vez, vem comprovar a importância de refletirmos sobre nós mesmos e sobre o lugar que ocupamos neste processo de “relação”, de “mediação” que marca não só o ensino a distância, mas qualquer modalidade de ensino.

Nesse ponto, é preciso lembrar que, além do aluno, existem mais elementos envolvidos no processo de mediação do tutor. Se consultarmos os manuais de

orientação para tutores em diversos cursos de ensino a distância, eles serão praticamente unânimes ao descrever as competências básicas do tutor, que comentaremos a seguir.

A **competência de apoio** seria a capacidade de ajudar os alunos a lidarem com o conteúdo das disciplinas, de modo a desenvolver alternativas que possam facilitar sua aprendizagem. A **competência de orientação** buscaria contribuir para que os alunos percebam as relações entre os conteúdos estudados e seus objetivos no contexto de uma formação ampla, que é o curso que está sendo realizado. A **competência de capacitação** estaria relacionada ao diálogo com os alunos no sentido de eles desenvolverem e aplicarem processos de aprendizagem com eficiência, ou seja, pensar em formas sobre como estudar de maneira mais produtiva. Finalmente, a **competência administrativa** refere-se à ponte que o tutor exerce entre os alunos e as questões administrativas do curso.

Observe como é fácil concluir que, para exercer essas competências, o tutor deve conhecer bem o curso no qual atua, estar familiarizado com sua estrutura. É importante lembrar que esse conhecimento sobre o curso vai muito além da informação sobre o conteúdo das disciplinas, ou seja, do conteúdo propriamente teórico. Repare que toda a complexa organização de um curso a distância pode ser comparada a um organismo, no sentido de que existem vários órgãos que funcionam de forma relacionada a outros; se há um mau funcionamento em um órgão, os outros também sofrem as conseqüências.

Isso quer dizer, então, que o tutor tem a obrigação de ser um especialista em todos os setores que compõem o EAD? Naturalmente não; mas é preciso ter uma noção sobre o que acontece em cada segmento, sobre quais são os papéis exercidos pelos demais indivíduos e setores com os quais vai se relacionar – professores, administradores, gestores de pólos, equipe pedagógica. Conhecendo o “funcionamento do organismo”, o tutor não terá a obrigação de solucionar todas as dúvidas que envolvam o aprendizado dos alunos, mas saberá para onde e para quem encaminhar os problemas, as dúvidas e as sugestões que podem surgir durante o seu trabalho. Dessa forma, terá mais segurança para exercer seu papel de mediador dentro do organismo do EAD.

A seguir, vamos refletir sobre algumas situações relevantes para o desempenho desse papel de mediação no acompanhamento das atividades dos alunos pelo tutor.

*(O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. – Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia**, p. 45).*

O QUE FAZEMOS

Para pensarmos sobre o que fazer de modo a desempenhar nossa função de mediadores satisfatoriamente, vale a pena lembrar experiências do nosso próprio processo de aprendizagem ao longo de nosso percurso educacional. Será que nossas angústias e dificuldades ocorreram apenas em função dos conteúdos que devíamos aprender? Ou outras questões, muitas vezes ignoradas ou consideradas secundárias, também foram marcantes por favorecer ou dificultar nossa aprendizagem?

Por um lado, certamente estivemos diante de alguns fatores negativos, como a falta de dinheiro para comprar um livro, o pouco tempo disponível para estudar, a angústia por não saber onde procurar as informações sobre determinado assunto, a falta de disciplina para organizar nosso tempo e conseguir estudar todas as matérias, a falta de consideração de um professor de quem esperávamos mais. Por outro, dos positivos, como o alívio ao finalmente compreender algo com que lutávamos há vários dias, a satisfação ao ter apresentado um bom trabalho, a consideração de um professor ao ouvir nossos problemas ou escrever um comentário de incentivo em nosso trabalho.

Repare como todas essas situações interferem diretamente em nossa sensibilidade, e são determinantes na relação que vamos estabelecer com o estudo. Se nosso caminho foi marcado por experiências positivas, incentivos, compreensão e companheirismo, veremos a experiência de aprendizagem de um modo; se o que marcou foram as pedras do caminho, certamente nossa visão será outra. Em síntese, poderíamos nos perguntar como foi o papel dos “mediadores” que encontramos ao longo do nosso percurso e de que modo as mediações influenciaram em nossa formação.

Mais uma vez, insistimos, a reflexão sobre nós mesmos nos conduz à reflexão sobre o outro e sobre a relação que pretendemos estabelecer com ele.

Assim, é interessante que o tutor, antes mesmo de se debruçar sobre o conteúdo das disciplinas que vai acompanhar, procure estabelecer uma aproximação com os alunos visando ao conhecimento de aspectos relevantes sobre quem são esses alunos, em qual contexto vivem, quais particularidades sociais, econômicas e culturais marcam esse contexto.

Uma primeira questão interessante a ser descoberta pode se referir mesmo a dados materiais que marcam a relação dos alunos com o estudo. Saber, por exemplo, se esse aluno tem condições para a aquisição de material didático extra ou se, devido a limitações econômicas, sua única fonte de estudos será o material fornecido pelo curso. Se há essa limitação, existiriam alternativas – como bibliotecas – no contexto em que vive esse aluno? Essa constatação será fundamental para que o tutor tome decisões futuramente, quando estiver, por exemplo, diante da seguinte pergunta do aluno: “na página ‘tal’ do material, tem uma sugestão para assistirmos a um filme, que tem a ver com o conteúdo, mas na única locadora da minha cidade não tem o filme, e eu não tenho dinheiro para encomendar pelo correio; o que eu faço?”

Repare que uma situação aparentemente simples como essa pode conter um significado muito relevante para a formação do aluno. E é exatamente nesse ponto que o tutor estará diante de um contexto em que deverá exercitar sua sensibilidade. Poderíamos responder ao aluno simplesmente que “não tem jeito”, ou seja, se não há o filme disponível, não assista, “pule essa parte da atividade”. Devemos nos perguntar, entretanto, que peso teria tal resposta para o aluno, que sentimento de falta, de incapacidade de cumprir uma tarefa, poderia ser gerado para ele. O tutor, como mediador, nesse caso, pode e deve usar sua autonomia para buscar, junto com o aluno, dentro das possibilidades do contexto dele, alguma alternativa que supra o conteúdo do filme inacessível e, ao mesmo tempo, não cause frustrações ao estudante.

Outro dado importante que devemos procurar captar nesse processo de conhecimento do aluno é o referente à sua rotina de estudo. Esse aluno trabalha? Quanto tempo tem disponível para dedicar ao estudo diária ou semanalmente? Ele dispõe de um local adequado para estudar em sua casa, sem barulho, bem iluminado? O aluno consegue

estabelecer, sozinho, uma disciplina para organizar seus horários de estudo, a divisão de tempo entre as matérias, ou precisa que façamos junto com ele um roteiro?

Perceber isso pode nos ajudar de modo muito significativo nos momentos em que devemos avaliar o desempenho desse aluno. Tomemos um exemplo concreto. Um aluno, que sempre manteve um desempenho razoável, num determinado momento começa a não cumprir as tarefas propostas, não freqüentar os encontros presenciais nos pólos – ou os *chats* de discussões a distância –; em síntese, é aquele aluno que, de repente, “some”. Quando o tutor finalmente consegue estabelecer um contato, o aluno apresenta uma justificativa para a sua queda de desempenho, e essa justificativa está relacionada a problemas no trabalho ou algum acontecimento inesperado em casa que, de alguma forma, teria interferido na rotina de estudo. Se o tutor atentou para os aspectos que enumeramos no parágrafo anterior, no início do processo, terá mais elementos para julgar se a explicação do aluno é realmente uma justificativa aceitável ou se é simplesmente uma “desculpa”.

Lembrando a comparação do EAD com o organismo, as informações levantadas pelo tutor circularão em outros órgãos desse organismo. Assim, ao transmitir informações sobre a avaliação dos alunos para professores, equipe pedagógica e setor administrativo, o tutor poderá fazê-lo com tanto mais segurança e completude quanto maiores forem suas informações sobre o aluno, considerando não apenas os números que “medem” o desempenho acadêmico, mas também o contexto que está por trás desses números, ou seja, a realidade na qual se insere esse aluno e que, de alguma forma, pode interferir em seu desempenho.

Esse tipo de diagnóstico é fundamental para que todo o “organismo” não só tenha informações sobre o desempenho dos alunos, mas também, e sobretudo, possa discutir estratégias para solucionar os problemas detectados. Para que essas estratégias funcionem, em muitos casos, não podem ser gerais, ou seja, se há diversos alunos, em diversos pólos, com dificuldades diversas, raramente haverá uma única ação capaz de resolver todos os problemas. Por isso é extremamente relevante a mediação do tutor para diagnosticar as especificidades que merecem atenção.

Uma vez estabelecido esse processo contínuo de conhecimento e diagnóstico das especificidades e necessidades do aluno, as orientações de aprendizagem referentes aos conteúdos propriamente ditos surgirão naturalmente na relação entre o tutor e o aluno. Se cultivamos a sensibilidade para enxergar o outro, teremos mais discernimento, por exemplo, para perceber detalhes importantes no processo de orientação de estudo. Em muitos casos, nossas orientações devem recair sobre aspectos que, para nós, seriam até mesmo óbvios, mas que, para os alunos, são novos e interferem no processo de aprendizagem. É importante, nesse sentido, procurarmos observar se a dúvida que o aluno apresenta refere-se propriamente ao “quê” ou ao “como” está estudando. Vejamos algumas situações concretas que podem ilustrar essa diferença.

Se um aluno nos diz que não entendeu um texto, por exemplo, muitas vezes pode ter acontecido de ele não compreender, na verdade, o sentido de determinadas palavras ou conceitos empregados no texto. Nesse caso, talvez não seja necessário rever todo o conteúdo, mas baste esclarecer o sentido de determinados termos. Relacionada a essa situação, existe outra, também óbvia para nós, mas em alguns casos nova para os alunos: o uso das chamadas obras de referência – dicionários e enciclopédias. Assim, se verificamos que o aluno não compreendeu o significado de determinados termos, é comum sugerirmos que ele busque tais sentidos nas obras de referência. Mas devemos nos perguntar, primeiramente, se ele sabe onde encontrar tais obras – na internet, por exemplo, há muitos dicionários e *wikis* disponíveis – e, além disso, se

ele tem por hábito manusear tais obras, ou seja, se sabe “como” procurar as informações de que necessita.

Outro dado referente ao “como” estudar refere-se à diferença entre decorar e compreender as informações. Não podemos nos esquecer de que os alunos do primeiro período de um curso superior – e isso vale tanto para o EAD quanto para qualquer curso presencial – estão diante de uma realidade de estudos nova em relação a sua vida escolar ao longo do ensino fundamental e médio. Não são raros os casos em que o aluno passou toda a vida escolar sendo obrigado a decorar informações, estudar listas de perguntas e respostas para as provas, fazer exercícios de preenchimento de lacunas. Em síntese, são aqueles alunos que sempre ocuparam uma posição de passividade, de simplesmente receber os conteúdos, memorizá-los e repeti-los nas provas; e que agora, no contexto universitário, são convidados a assumir uma posição ativa, a questionar, a buscar informações complementares. Quando um aluno nos diz que não entendeu determinado conteúdo, portanto, devemos nos perguntar o que, para ele, significa “entender”. Talvez ele não tenha entendido, segundo a concepção à qual foi habituado, isto é, não conseguiu decorar; mas pode ser que tenha, sim, compreendido, pois pode ser capaz de formular perguntas, questionamentos e promover debates sobre o texto. Estaríamos presenciando, nesse caso, não o fracasso do aluno, mas seu crescimento, seu passo em direção ao aprendizado. E devemos dizer isso a ele.

*(Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós. Não há prática docente que não seja ela mesma um ensaio estético e ético, permita-me a repetição. Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia**, p. 45).*

DISTÂNCIA E PROXIMIDADE

Você observou que, até este momento do texto, não enfatizamos a diferença entre a atividade de tutoria presencial e a distância. Deve ter observado também que, para o objetivo da conversa que estabelecemos neste capítulo, essa diferença não é tão relevante. Vejamos uma síntese das atribuições de cada tipo de tutoria proposta pela UFJF para justificarmos porque estamos afirmando que a distinção não é tão relevante.

O tutor presencial é definido como aquele agente encarregado de empoderar (*empowerment*) o aluno no seu processo de aprendizagem, auxiliar no desenvolvimento do perfil de aluno a distância mediante a apropriação eficiente das técnicas e ferramentas que permitem o desenvolvimento da aprendizagem individual a distância. Também é responsável por dinamizar a socialização interna para fins de aprendizagem assim como desenvolver relações afetivas que permitam o aluno se sentir parte integrante da comunidade universitária da UFJF.

Já o tutor a distância é o agente responsável por realizar as orientações do professor, focando seus esforços na resolução efetiva da maior parte dos problemas de conteúdo, assim como dinamizar a apropriação, por parte dos alunos, dos conteúdos da disciplina, relatando a tempo para o professor o andamento da aprendizagem dos alunos.

Repare como, em ambas as atividades, a essência do papel do tutor é a mesma, e está de acordo com as reflexões que propusemos neste capítulo: o tutor exerce,

fundamentalmente, o papel de mediador entre os diversos atores que compõem o “organismo”.

Assim, independentemente da proximidade ou da distância física, independentemente do uso da palavra falada ou das mensagens numa tela de computador, o tutor é aquele indivíduo que está em relação com o outro, ou melhor, com vários outros – alunos, professores, gestores, administradores – e que deve focar sua atenção em todos os aspectos que podem determinar o sucesso ou o fracasso dessa relação. Deve ser capaz de guiar sem oprimir, de orientar sem sufocar, enfim, de compartilhar. Deve estar disposto, enfim, a aprender, de repente, enquanto ensina, como aponta Guimarães Rosa, numa das epígrafes deste capítulo. E ter também a disposição para ajudar o outro a olhar, como na fala de Eduardo Galeano. Para concluir, vale a pena retomar a pequena história da qual extraímos essa última epígrafe.

Trata-se da história de um menino que não conhecia o mar, e de seu pai, que o levou para que descobrisse o mar.

Viajaram bastante, e quando chegaram ao alto das dunas de areia, o mar estava na frente dos olhos do menino. E foi tanta imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!

Repare na estranheza e na beleza da fala deste menino: uma pessoa pede à outra ajuda para olhar. Como é possível ajudar o outro a olhar? Ajudar a carregar um embrulho, sim. Ajudar a atravessar uma rua, tudo bem. Mas ajudar a olhar?

Por estranho que possa parecer, é possível, sim. Mas exige sensibilidade. Sobretudo porque, muitas vezes, as pessoas não formularão o pedido com palavras, não pedirão explicitamente, como o menino da história, a ajuda, mas poderemos perceber, pela expressão delas, pelos seus gestos, pelos seus olhares, pelos seus textos, pelas suas “desculpas” ao não realizarem uma atividade, pelas suas ausências, que elas precisam de alguém que lhes ampare diante de algo que não compreendem. Pode ser um espanto diante de algo novo, uma alegria transbordante diante de uma descoberta, uma dor que fere, ou tantas dessas sensações com que lidamos melhor se soubermos que temos com quem compartilhar.

Para este texto consultamos:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **Tutoria no EAD:** um manual para tutores. Disponível em <http://www.abed.org.br/col/tutoriaead.pdf>. Acesso em: 18 ago. 08.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Porto Alegre: L&PM, 1997.

Mas a conversa continua...

Poderíamos sugerir diversas outras fontes de informação – livros, filmes, sites, letras de música – para continuar essa conversa. Mas, por um princípio de coerência com o que propusemos ao longo do capítulo, optamos por não sugerir nada, deixar que cada um continue a conversa como quiser, ou puder, ou até mesmo se cale, ou não queira nem mesmo saber de conversa, mas apenas de um monólogo na frente do espelho.